



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 21 DE ABRIL, DE 2025 - 21H00

Sessão 40 “A Chorus Line” (1985)



Em 1975 apareceu na Broadway um «musical» que se iria tornar rapidamente num dos maiores sucessos de sempre na história do teatro: «A Chorus Line». Doze anos depois, cremos que a peça se mantém em representação, não só em Nova Iorque como um pouco por todo o lado, e sempre com êxito. Nesta ordem de ideias, compreende-se que há alguns anos o cinema se tenha interessado pela hipótese de adaptar ao écran mais este «musical», mas a verdade é que a estrutura da obra punha algumas dificuldades e foram vários os cineastas contactados ao longo dos últimos anos e que posteriormente se afastaram do projecto. O último a ser convidado foi Richard Attenborough, saído de um prestigiante “Ghandi”, que, apesar de a oferta ter pouco a ver com o cinema que até aí praticara, se deixou enredar

pela teia, acabando caçado. Com resultados não muito brilhantes, nem para si nem para o projecto em questão, que em termos de espectáculo atraiçoa grandemente as intenções dos autores da peça.

Quem teve a sorte de ver a peça na sua montagem em Nova Iorque (vimo-la no Shubert Theatre, em Abril de 1982) certamente que se deixou agarrar pela ideia e pela concepção do espectáculo. Tratava-se de representar frente ao público uma audição de candidatos a um lugar no coro de um «musical» que se encontra a arrancar. Centenas de rapazes e raparigas ocorrem à chamada, dão provas, dançam. Cantam, falam de si e dos seus problemas, enquanto encenador e coreógrafo vão ouvindo, fazendo as suas escolhas, seleccionando os oito felizardos que conquistam o lugar (quatro rapazes e quatro raparigas). Pelas eliminatórias vão ficando os sonhos e as ilusões de muitos, e pelo palco vai passando o fascínio do espectáculo, com tudo o que tem de mágico e de brutal, esse misterioso jogo de verdades expostas e mentiras encobertas, de generosa dádiva e de violenta competição. Tudo isso, no espaço fechado de um palco, numa representação contínua, sem intervalo, para não quebrar a emoção, para não deslaçar o ritmo.

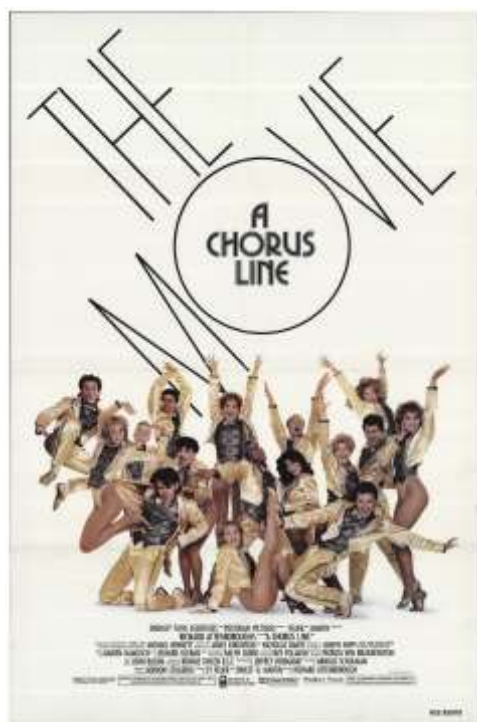
Há em «A Chorus Line» muito do encanto que Bob Fosse transmite nos seus melhores dias (“All That Jazz”, por exemplo), e só um homem da sua estirpe estaria à altura do cometimento. Richard Attenborough, que além de tudo o mais tem o contra de ser inglês, nunca conseguiu descobrir a melhor maneira para transpor a obra teatral, servindo-se de um argumento de Arnold Schulman, que adaptou a peça sempre ao contrário das ideias de James Kirkwood e Nicholas Dante (autores da peça), de Marvin Hamlisch e Edward Kleban (responsáveis respectivamente pela música e os poemas das canções). Em lugar de manter, e se possível levando aos extremos, o espaço fechado de um teatro, Attenborough optou para uma dispersão fatal, com cenas em exteriores, que nada trazem em lucro ao filme, e que cortam a respiração ao projecto e a intensidade ao clima. O que fica é um conjunto de “números”, nem sempre bem

filmados, entrecortados com imagens delicadas de uma história sentimental abusivamente desenvolvida, havendo inclusive a referir alguns momentos de particular mau gosto.

Mesmo o tipo de narrativa, com uma montagem frenética e vivaça, se revela contraproducente para o filme, que ganharia muito mais com planos longos e movimentos envolventes, do que com o estilo de planos curtos acompanhando o ritmo da música e as réplicas das personagens.

Um relativo fracasso, portanto, de que se salvam a partitura, com bons momentos, e o excelente grupo de bailarinos, enxertado com um encenador chato, interpretado por um rabulista, Michael Douglas. De “A Chorus Line» preferimos ficar com a recordação do espectáculo teatral, onde todos os aspectos interessantes já estavam contidos (inclusive a utilização dos espelhos no fundo do palco, reflectindo o que se passa no palco).

Lauro António



A CHORUS LINE

Realização: Richard Attenborough (EUA, 1985); Argumento: Arnold Schulman, segundo musical de Michael Bennett, baseado no livro de James Kirkwood Jr. e Nicholas Dante; Produção: Joseph M. Caracciolo, Cy Feuer, Ernest H. Martin, Gordon Stulberg; Fotografia (cor): Ronnie Taylor; Montagem: John Bloom ; Casting: Julie Hughes, Barry Moss; Design de produção: Patrizia von Brandenstein; Direcção artística: John Dapper; Decoração: George DeTitta Sr.; Guarda-roupa: Faye Poliakin; Maquilhagem: Craig Lyman, Marilyn Parver; Direcção de produção: Joseph M. Caracciolo, Michael S. Glick; Assistentes de realização: Louis D'Esposito, Robert V. Girolami, Jane Paul, James W. Skotchdopole; Departamento de arte: John Alvin, Joseph M. Caracciolo Jr., Joseph M. Caracciolo, Jay Rabins, Martin Rosenberg; Som: Jonathan Bates, Christopher Newman, Robin O'Donoghue, Jerry Trent; Companhias de produção: Embassy Pictures, Polygram Pictures, A Feuer and Martin Production; Intérpretes: Michael Blevins (Mark), Yamil Borges (Morales), Jan Gan Boyd (Connie), Sharon Brown (Kim), Gregg Burge (Richie), Michael Douglas (Zach), Cameron English (Paul), Tony Fields (Al), Nicole Fosse (Kristine), Vicki Frederick (Sheila), Michelle Johnston (Bebe), Janet Jones (Judy), Pam Klinger (Maggie), Barbara Koval, Audrey Landers, Terrence Mann, Charles McGowan, Alyson Reed, Justin Ross, Blane Savage, Matt West, Pat McNamara, Sammy Smith, Timothy Scott, Bambi Jordan, Richard DeFabees, etc. Duração: 113 minutos;

Distribuição em Portugal: Universal; Classificação etária: M/ 6 anos; Estreia em Portugal: 12 de Dezembro de 1985.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 2025

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“A Testemunha” de Peter Weir / 1985